

Agrotech e alimentação: a população brasileira não está comendo

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Agrotech e alimentação: estudo indica que a produção agrícola global precisa crescer 70%, até 2050, apenas para alimentação da população. Foto: Getty Images. Aliar democracia e alimentação não é uma tarefa fácil. Diante da insegurança alimentar no Brasil - parcela de brasileiros que não teve condições para se alimentar no último ano subiu de 30%, em 2019, para 36%, em 2021, conforme divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) Social - cresce o desafio de levar alimentos e bebidas de qualidade para a mesa dos brasileiros. Desde que o boom das agrotechs começou, há cerca de seis anos, a produção nacional de grãos saltou de 186,7 milhões de toneladas, para 255,5 milhões, uma alta de mais de 36% entre as safras de 2015 e 2021, segundo dados da Conab. Porém, o que deveria ser um dos principais objetivos quando pensamos em alimentação brasileira não fecha a conta: a abundância não se refletiu nos preços. No mesmo período, o preço dos alimentos aos brasileiros subiu 62%, acima dos 50% de altas somadas do IPCA. Na esteira da alta dos preços e crise econômica em decorrência da pandemia, o total de 33 milhões de brasileiros vivendo com fome revela que, apesar do crescimento da produção de grãos, o Brasil não consegue fazê-los chegar à mesa dos seus cidadãos, o que levanta a questão se as startups do agro serão a solução para o problema. Quanto comer carne custa ao mundo? A produção de carne é uma das atividades mais intensas e que mais demandam recursos na economia global. Dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura estimam que quase 30% de toda área mundial é utilizada para a produção de gado, pastagens e ração. Em comparação, a área utilizada por outros plantios é de 7%, enquanto a ocupada por centros urbanos, cidades e outras formas de infraestrutura é de apenas 1%. Continue lendo Esse número já demonstra o desafio que é alimentar o planeta com proteína animal, seja carne de vaca, frango, peixe, carneiro e ovos. Nos últimos anos, no entanto, com a ascensão da classe média em países da África e da Ásia, especialmente a China, aumentou ainda mais a demanda do setor agropecuário mundial, que se vê com um número de consumidores que aumenta mais e mais com o passar dos dias. Sem carne animal O investimento em mais pesquisas nessa área se torna essencial, já que a demanda por alimentos sustentáveis só tende a aumentar, seja pela consciência dos consumidores ou por uma necessidade mundial. A Embrapa publicou um estudo que indica que a produção agrícola global precisa crescer 70%, até 2050, apenas para alimentação da população, que deve chegar a 9,7 bilhões de pessoas, sem contar na necessidade de biocombustíveis e nas mudanças climáticas que podem limitar a produção. "A preocupação é se vai ter comida e água para todo mundo (...) A capacidade de produção de proteínas de base vegetal é mais eficiente do que a de proteína animal. Esse espaço do vegetarianismo, do veganismo, ele vem a corroborar para que a gente tenha uma estratégia de aporte protéico e que também a gente tenha uma alimentação mais sustentável", comenta André Dutra, chefe de Transferência de Tecnologia da Embrapa Agroindústria de Alimentos. Alguns movimentos, como o Segunda Sem Carne, colaboram para a redução do consumo de proteína animal. Uma pesquisa do Ipec (2021), a pedido da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB), aponta que 46% da população brasileira deixa a carne de lado ao menos uma vez por semana e que um terço da nação busca opções veganas em seus cardápios. A NoMoo, empresa com foco em plant-based (tradução direta: à base de plantas) entra como ferramenta essencial neste processo: é uma das pioneiras no preparo de leite vegetal, seu carro chefe. "[O preparo] Envolve um processo mais científico do que tecnológico. Não temos robôs, temos um grupo de guerreiros que fazem nosso queijo", declara o CEO da foodtech, Marcelo Doin. Cerca de 35% da população brasileira com idade acima de 16 anos tem algum tipo de desconforto digestivo após o consumo de derivados de leite, segundo pesquisa do Datafolha. Uma das apostas da empresa é cobrir os intolerantes a lactose, criando

alternativas alimentares para esse público com base nos vegetais nacionais. Para quem não conhece, o conceito de plant-based utiliza alta tecnologia e processamento industrial para aproximar os vegetais do sabor e da textura do alimento à base animal. Os alimentos plant-based foram consumidos nos últimos seis meses por 81% dos entrevistados de uma pesquisa realizada pela Cint/Mercy for Animals (MFA). A saúde é uma das três principais motivações para adotar os alimentos à base de planta para 97% dos entrevistados brasileiros; para 78% das pessoas ouvidas, esse foi o motivo principal para iniciar uma dieta com produtos vegetais. Dion defende que a democratização da modalidade alimentar é essencial, e exemplifica o público que não pode consumir leite de origem animal, por exemplo. "São 80 milhões de intolerantes, e não estão apenas nas classes A e B. Devemos estar preocupados com as classes C e D", argumenta o CEO. "O leite vegetal também é agro" Esta será a aparência da legenda 1x Qualidade do vídeo Ótima Melhor Boa Automática Mais configurações de legendas Idiomas da legenda English Legenda DESATIVADA Mais configurações de legendas Efeitos Sem formatação Posição Parte inferior da tela Tamanho da fonte Médio Família de fontes Helvetica Cor da fonte Branco Cor de fundo Preto Transparência de fundo Startups empreendem para melhorar visão ambiental do agro no país